DECLARAÇÃO DA ALIANÇA GLOBAL CONVIDA20 DIANTE DA COP30

Por uma política global a serviço da vida; da justiça climática; da paz; da pluriculturalidade originária e afro; da equidade de gênero; do direito de migrar e ser protegido; e de uma tecnologia a serviço dos povos

Resumo

Hoje, mais do que nunca, nos debatemos entre dois polos: o da vida e o da morte.
Nós, que acreditamos no direito de existir, denunciamos que esse direito está sendo violado pelos poderosos de cada país, que destroem a casa comum, militarizam o planeta e mercantilizam a tecnologia.

Resistimos ao negacionismo climático, ao extrativismo voraz, à violência patriarcal e ao uso da Inteligência Artificial (IA) como ferramenta de controle, guerra e exclusão.

A partir de nossas sete comissões da CONVIDA20:
Tecnologia da Informação / Teto, Terra, Trabalho e Transcendência / Paz, Não Violência e Antimilitarização / Povos Originários e Afrodescendentes / Equidade de Gênero / Crise Climática / Crise Migratória, elevamos esta declaração diante da COP30 em Belém do Pará, Brasil.

Fazemo-lo a partir dos povos da América Latina e do Caribe, das comunidades camponesas, ribeirinhas, indígenas, afrodescendentes, urbanas e populares, das espiritualidades vivas que resistem e sonham.

Esta declaração também recolhe o eco da peregrinação continental da copresidenta do SICSAL–Mons. Óscar Arnulfo Romero e integrante de nossa coordenação, Emilie Teresa Smith, que, desde Vancouver, Canadá, percorreu o continente escutando, convivendo e recolhendo testemunhos de mulheres e homens defensores e defensoras dos territórios, que enfrentam múltiplas violências —especialmente a institucional—, o saque dos bens comuns e a destruição ambiental com coragem, poesia e organização.

Seu caminhar tem sido um ato de escuta radical, de acompanhamento espiritual e de denúncia profética.

A **Inteligência Artificial**, a guerra, o extrativismo, a migração forçada e a crise climática não são fenômenos isolados: são expressões de um mesmo modelo que coloca o lucro e a cobiça acima da vida. Diante desse modelo, propomos outro horizonte: uma humanidade reconciliada com a terra, com o trabalho digno, com a hospitalidade e com a justiça.

Não viemos pedir permissão.
Viemos anunciar que outro mundo já está em marcha.
Que os povos que migram, as mulheres que cuidam, as juventudes que sonham e os povos originários e afrodescendentes que resistem já estão construindo alternativas.

A **Aliança Global CONVIDA20** reafirma seu compromisso inquebrantável com a defesa da vida em todas as suas formas, com a justiça climática, a dignidade das pessoas migrantes e refugiadas, as maiorias empobrecidas, a equidade de gênero, a paz e a espiritualidade encarnada nos povos.

Reafirmamos que não haverá justiça ambiental sem justiça social, nem justiça social sem acolhida e reconhecimento do outro e da outra.
Convocamo-nos a seguir tecendo redes de solidariedade continental, a cuidar dos territórios e dos corpos ameaçados, a acompanhar aqueles que migram por fome, guerra ou seca, e a construir —a partir da ternura dos povos e da resistência— um futuro onde nenhuma pessoa seja descartada nem expulsa da casa comum.

Nossa esperança é ativa, nossa fé se faz ação e nosso horizonte é a vida plena para todos os povos e todas as criaturas da Terra.

VEMOS, JULGAMOS E AGIMOS

Porque não estamos diante de uma simples conjuntura técnica nem de uma crise passageira.
Estamos diante de uma encruzilhada histórica que interpela nossa consciência, nossa espiritualidade e nossa ação política.

Este método —nascido na juventude operária católica da Bélgica e assumido pelas lutas populares, pela teologia da libertação, pela pedagogia crítica e pelos movimentos sociais latino-americanos— permite-nos olhar a realidade com os olhos abertos, o coração sensível e a vontade transformadora.

Ver é deixar-se afetar pelo que acontece: reconhecer as feridas do planeta, os rostos dos excluídos, os mecanismos de poder que destroem a vida.
Julgar é discernir a partir de uma ética da vida, confrontando os fatos com os princípios de

justiça, dignidade, solidariedade e cuidado.
Agir é comprometer-se, construir alternativas e transformar estruturas.

VEMOS QUE:

A crise climática não apenas destrói ecossistemas: também expulsa povos inteiros de seus territórios, provocando que milhões de pessoas abandonem seus lares por causa de secas, inundações ou aumento do nível do mar.
Prevê-se que, em 2050, mais de **250 milhões de pessoas refugiadas climáticas** serão forçadas a deixar suas casas devido aos efeitos do aquecimento global: secas prolongadas, desertificação, perda de colheitas, tempestades extremas, saque e espoliação de terras cultiváveis.

Embora o termo “refugiado” sugira proteção internacional, ainda não existe reconhecimento legal sob a Convenção de Genebra de 1951.
Por isso, aqueles que fogem do colapso ambiental são pessoas invisibilizadas, criminalizadas ou reduzidas a números, sem proteção jurídica ou humanitária efetiva.

Na Europa e nas fronteiras dos Estados Unidos, a chegada de pessoas afetadas por crises ambientais cresce a cada dia.
Procedem da África, do Oriente Médio, do sul da Ásia e da América Latina e Caribe, onde os impactos das mudanças climáticas agravam a pobreza, os conflitos e a insegurança alimentar.

O **Mediterrâneo** transformou-se em uma fossa comum, e os muros, centros de detenção e políticas xenófobas são o rosto mais cruel de uma civilização que perdeu sua humanidade.

As guerras, além disso, contaminam o ar, a terra e a água, obrigando populações inteiras a migrar mesmo após os conflitos.
A migração forçada é hoje o **rosto humano do colapso climático** e a expressão mais extrema da injustiça ambiental global.

A **militarização global** representa entre 5 e 6% das emissões de carbono.
Os países que fabricam e exportam armas concentram 82% do gasto militar mundial e 67,1% das emissões de CO_2.
A guerra contamina, desmata, desloca e destrói ecossistemas.

Os países do **Sul Global** carregam dívidas externas impostas por organismos financeiros internacionais que condicionam suas economias e limitam seu desenvolvimento.
Enquanto destinam enormes recursos ao pagamento de juros, milhões de pessoas carecem de saúde, educação, terra, trabalho e moradia digna.

A **transição energética**, baseada no lítio e em outros minerais raros, afeta diretamente as comunidades que habitam os territórios.

No **Equador**, o povo Kichwa sofreu repressão, invasão de terras e assassinatos por resistir ao extrativismo.
No **México, Guatemala, Colômbia e Honduras**, mulheres defensoras enfrentam ameaças constantes por proteger a água, as florestas e a biodiversidade.

As **mulheres** —especialmente indígenas, afrodescendentes e camponesas— enfrentam múltiplas violências: patriarcais, extrativistas e racistas.
São elas que sustentam a vida, defendem os territórios, guardam as sementes e, no entanto, continuam sendo invisibilizadas, criminalizadas e assassinadas.
Seu trabalho cotidiano, muitas vezes invisível, é essencial para a sustentação da vida e da resistência comunitária.

A **luta feminista**, nesse contexto, deve ser transversal à COP30, observando a realidade a partir da desigualdade estrutural vivida pelas mulheres.
Esse olhar não é um acréscimo: é **uma chave para desmontar as violências e construir justiça ambiental, social e tecnológica.**

A **Inteligência Artificial (IA)** deixou de ser uma promessa futurista para se converter em uma força que transforma radicalmente a economia, a política, a natureza e a guerra.
Seu uso massivo gera impactos ecológicos alarmantes: consumo energético desmedido, uso intensivo de água e minerais críticos, expansão da pegada ecológica das grandes empresas tecnológicas e ameaça ao pensamento crítico e à construção do conhecimento.

JULGAMOS QUE:

A crise climática é também uma **crise ética e espiritual**: sem sentido, sem comunidade e sem transcendência, não há futuro sustentável.
A espiritualidade é a alma da ecologia integral.

Do mesmo modo, a **crise migratória** é um espelho moral do mundo.
Negar o reconhecimento às pessoas deslocadas por causas ambientais é perpetuar um modelo de morte.
Reconhecê-las e protegê-las é um dever moral e político.
A indiferença dos Estados e das corporações diante do sofrimento de milhões de pessoas migrantes e refugiadas climáticas constitui uma violação estrutural dos direitos humanos.

Denunciamos as **políticas racistas, xenófobas, aporofóbicas e patriarcais** do Norte Global, que erguem muros enquanto destroem ecossistemas alheios.
Denunciamos também a **corrupção de muitos governos do Sul**, que colocam o lucro acima do bem-estar de seus povos, permitindo o saque extrativista de suas terras.

Como afirmaram os Papas Francisco e Leão XIII, os quatro verbos que devem orientar toda política migratória são: **acolher, proteger, promover e integrar.**
Esses princípios são também uma bússola para a justiça climática.

Acolher as pessoas deslocadas é reconhecer a interdependência da vida;
protegê-las é garantir seus direitos;
promovê-las é acompanhar seu desenvolvimento humano integral;
integrá-las é criar sociedades interculturais e solidárias.

A migração **não é um problema**: é consequência das injustiças globais e uma oportunidade para reconfigurar o pacto humano a partir da fraternidade universal.

Os **povos originários e afrodescendentes** não são vítimas passivas: são portadores de soluções vivas, saberes milenares e alternativas concretas.
Diante de qualquer projeto governamental que envolva a Mãe Terra, a **consulta aos povos** é prioritária e obrigatória.

As **dívidas externas e ecológicas** são injustas e contrárias ao bem comum.
Muitas vezes ilegítimas ou herdadas de ditaduras, perpetuam a dependência e o controle dos poderosos sobre os povos.
Não se pode exigir às nações pobres pagar com a fome de seu povo o que foi imposto sob mecanismos de dominação econômica.

A **IA não é neutra**: seu desenvolvimento é guiado por interesses corporativos e militares.
A **militarização** não garante segurança: a verdadeira segurança é **humana e comunitária**.
Ela implica saúde, educação, moradia, trabalho digno e paz.

AGIMOS ASSIM:

● Reivindicamos uma **transição ecológica justa**, que respeite os territórios e os direitos dos povos originários, afrodescendentes e migrantes.

● Somamo-nos às ações pela **assinatura do protocolo de não proliferação de combustíveis fósseis**; também à exigência de **troca de dívida por ação climática**; e à **pressão pelo aumento do fundo dos países ricos**, que deve ser justo, equitativo e ético, para a mitigação das perdas e danos causados pela crise climática.
Da mesma forma, qualquer ação de transição energética, ecológica, integral e justa deve respeitar o **Direito Internacional dos Direitos Humanos**, incluindo garantias aos direitos humanos nas decisões que surjam da **COP30 de Belém do Pará, no Brasil.**

● Apoiamo-nos na exigência de **auditorias éticas e transparentes das dívidas**, promovemos sua **anulação quando forem ilegítimas**, e trabalhamos por uma **nova ordem financeira internacional** baseada na justiça, na solidariedade e na soberania dos povos.
Somente assim as economias poderão libertar-se das correntes que impedem seu desenvolvimento humano integral.

● Exigimos a **reconstrução ética das políticas migratórias globais**, baseadas no respeito à dignidade humana e na responsabilidade compartilhada diante da mudança climática.
Do mesmo modo, promovemos a adoção de **marcos jurídicos internacionais** que reconheçam o **status de "refugiado climático."**

● Exigimos que **nenhum ser humano seja considerado ilegal** e que se garanta o **acesso universal à educação, à saúde e à seguridade social** para todas as pessoas migrantes. Também denunciamos a **criminalização daqueles que acompanham ou defendem os direitos das pessoas migrantes**, os crimes contra **defensoras e defensores ambientais**, e exigimos **justiça pelos assassinatos, desaparecimentos e estigmatizações.**

● Apoiamo-nos nas **redes de solidariedade** que, na Europa, América, África e Ásia-Pacífico, praticam os princípios de **acolher, proteger, promover e integrar**, resistindo à extrema-direita.

● Reivindicamos **orçamentos públicos** para o **cuidado comunitário de florestas, rios, sementes e saberes**; para a **acolhida de pessoas deslocadas** e para **políticas de integração** que fortaleçam a convivência intercultural.

● Reconhecemos e celebramos as **identidades e diversidades sociais e étnicas**, porque em sua expressão se reflete a dignidade e a riqueza do humano.

● Denunciamos o **patriarcado digital**, que se disfarça de modernidade enquanto reproduz as velhas hierarquias do poder: algoritmos que invisibilizam as mulheres, redes que recompensam a violência simbólica e plataformas que lucram com a exposição do corpo feminino.
Por trás de cada “like” ou comentário misógino há um sistema que perpetua a desigualdade no espaço virtual.

● Propomos, como alternativa, **construir uma cultura digital feminista**, onde a tecnologia seja ferramenta de emancipação e não de controle.
Uma **internet diversa, ética e comunitária**, que promova a voz de quem foi silenciada, e que utilize a **inteligência coletiva** para tecer redes de cuidado, educação e justiça.

● Exigimos **proteção integral para as defensoras da vida** —mulheres indígenas, afrodescendentes, camponesas e migrantes— que enfrentam ameaças e violências.

● Apoiamo-nos na **regulação e no controle democrático da IA** a serviço do bem comum, e exigimos **políticas públicas de alfabetização tecno-política**.
Rejeitamos o uso da IA com fins geopolíticos e militares, de vigilância ou manipulação.

● Apoiamo-nos na **Campanha Global contra os Gastos Militares**, e nos pronunciamos **contra as bases militares dos Estados Unidos e da OTAN** em nosso continente, que ocuparam, invadiram e dominaram nossos territórios ricos em bens naturais e biodiversidade.
Da mesma forma, **nos pronunciamos contra os treinamentos e exercícios militares** voltados para a preparação da guerra, que são realizados todos os anos, gerando, ao mesmo tempo, **contaminação e dano ambiental.**

Escutem o clamor da Terra.
Escutem o clamor dos povos deslocados.
Escutem o clamor das mulheres migrantes que defendem seus corpos e territórios.

Porque **a vida não se negocia.**
Porque **a justiça não se adia.**
Porque **a paz não se militariza.**
Porque **a terra não se vende.**
Porque **o futuro se constrói hoje.**

ALIANÇA GLOBAL CONVIDA20

Integrada por organizações e pessoas da **América Latina, Caribe, Canadá, Estados Unidos, Europa e Ásia-Pacífico.**

www.comitesromero.org

https://sicsal.net/convida20/